

ROCHA PEIXOTO

# **OBRAS**

VOLUME II

MUSEU MUNICIPAL DO PORTO. ENSINO.  
POLÍTICA. ENSAIOS DIVERSOS. ECONOMIA.

Edição da CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM  
1972

## LOUÇAS NACIONAIS (\*)

Um balanço das energias que no país se manifestam no fabrico de toda a escala cerâmica, e, a um tempo, o cômputo das suas matérias primas aplicáveis a essa manufactura vasta e vária, constituem, desde que livros e certames discretearam e exhibiram, a ulterior e imediata necessidade de aferição para o final conhecimento dessa arte industrial, dos seus estádios, das suas lacunas e dos seus melhoramentos presuníveis.

Não há concelho em Portugal onde não se fabrique, sequer, a louça rústica; não há tipo de cerâmica, da negra e porosa à faiança fina e à porcelana, da humílima montanhesa à decorativa e artística, da destinada aos usos caseiros e agrícolas à produzida para toda a necessidade architectónica, que, mais ou menos, se não represente na manufactura nacional; a bem dizer não há longo trato de solo no país onde não aflore jazida de barro, ou seja apenas aproveitável para as louças da pasta branda ou para a faiança de primeira escolha. Simplesmente nós não conhecemos as argilas que possuímos!

Afora um ou outro ensaio parcelar, espécie de devaneio de químico ou de mineralogista, excluída alguma análise de profissional e apartadas ainda as séries, necessariamente deficientes, reunidas por acaso afortunado em laboratórios e museus, fabricamos largamente cerâmica com os palpites e pelos processos tradicionais que enlaçam em remotos arcaísmos fabris e não raro traduzem, pré e proto-històricamente, as sobrevivências mais longínquas.

Não há dúvida que sobre este último ponto de vista a exhibição retrospectiva de várias formas ancestrais da modelação em barro é prestimosa e tocante para o etnógrafo e para o arqueólogo. A originalidade conceptiva na architectura dos vasos, as infinitas modalidades

---

(\*) Artigo publicado no jornal *O Primeiro de Janeiro*, do Porto, em 2 de Junho de 1900 (p. 1). Na biblioteca do *Museu de Cerâmica Popular Portuguesa*, em Barcelos, guarda-se um exemplar, que pertenceu a Rocha Peixoto, deste número de *O Primeiro de Janeiro* — exemplar no qual o escritor emendou, pelo próprio punho, as *gralhas* aparecidas aquando da publicação do seu artigo. [Vide: — «Biblioteca», in *Olaria*, Boletim do «Museu de Cerâmica Popular Portuguesa», n.º 1 (Barcelos, 1968-1969), pp. 150-151]. Neste texto do vol. II das *OBRAS* de Rocha Peixoto já se respeitaram as referidas emendas.

da sua ondulação rítmica, ou espontâneas ou apropriadas, puras ou bastardas, a decoração de vasilhame ainda mantida no estádio paralelo duma arte dolménica ou lacustre, a vitrificação e o brunido, a variedade e as combinações crómicas, toda a técnica, por fim, emergem vivamente elucidantes para a explicação da arte industrial do passado.

Basta, porém, que se adstrinja aos oleiros rústicos — pois que não é viável estender a recessos serranos a arte e o saber da grande indústria — a manutenção das formas primitivas, dessas galbas por assim dizer esquemáticas, mercê dum fabrico já automático por distantemente ininterrupto. A inamovível dependência das formas herdadas, a estreiteza inspiradora na ornamentação, a aparente penúria eurítmica na morfologia do vasilhame se isoladamente considerado, a indigência quando o oleiro se volve em coraplasta e iconógrafo da fauna e flora locais, dos tipos e dos costumes populares ou hagiógrafo das suas lendas e do seu cristianismo paganizado, são maravilha como reminiscências de civilizações transcorridas. Mas num similar paralelismo estético o operário da fábrica citadina só pratica monstruosidades com a barbárie em que avulta a loiça esmaltada do comércio.

A decoração floral ou zoomórfica do oleiro de aldeia, ingénuo e simplista é, porventura, um encanto como fundamento inicial de ornamentação ou primícia duma arte a evolver; e já a flor e o ornato da faiança popular, como policromia e desenho, é uma arte de preto civilizado pelas missões! Porque se meça a estesia do público com a do artífice, tal artigo tem colocação e procura; quão distante, todavia, está o melhor vaso de «loíça ratinha» de Coimbra ou de Gaia de qualquer das numerosas formas esbeltas da loiça negra de Chaves ou Molelos, da de Guimarães, com as suas decorações relevadas e avivadas com palhetas de mica, das de Nisa, com as suas ramagens de espato ou sílica incrustadas, das brunidas de Vila Real e Estremoz, das vidradas do Algarve, das de Mirandela, Miranda do Corvo e outras mais, de linha etrusca ou helénica, arabizadas umas, romanizadas tantas!

Por outro lado os contactos e observação deficiente e indisciplinada determinam no artífice, quando imagina criar, as adulterações aberrantes e cómicas de formas e estilos marcados por um carácter irreductível; e sequer nas aldeias o inconsciente respeito pela tradição sustenta puríssima a arquitectura legada e remota: os grandes quartos pegados para o vinho, os potes e talhas de enormes dimensões para reservas de líquidos e de salgas, os bicados da adega, os fornos duma só peça, os ferrados de ordenhar, as braseiras, as bruxas, os alcatruzes, as pichorras, a ilimitada multiplicidade das bilhas!

Na técnica ainda, relativamente, a olaria aldeã exprime outros valores que não as loiças civilizadas da faiança esmaltada e até da fina. Não obstante a cocção em covas, à presumível maneira neolítica, a despeito da porosidade de certas louças foscas e monocromas, ainda mesmo que brunidas por vezes ou revestidas de maus indutos impeditivos de permeabilidade e filtração, não é raro, tão pouco, o vasilhame de textura homogênea, não deformado e bem soante, suportando regularmente a vária distribuição de calórico à superfície e resistindo bastante à absorção dos líquidos e dos corpos gordos. Com outros recursos de material e fabrico, quantas loiças esmaltadas estão longe de reunir todas estas qualidades!

Clamava-se pela urgência dum inquérito e análise às argilas portuguesas filiando na ignorância destes elementos iniciais a inferioridade dos artefactos que vimos exarando. Está feito agora. São próximamente 450 análises de barros e de pastas, labor árido e lento em que se ocupou por largo espaço um químico ilustre, o sr. Charles Lepierre. E com esse inventário e famosa pesquisa emerge um sudário lastimável de misérias que só a amabilidade delicada de estrangeiro atenua e adoça nas facetas mais ásperas.

Efectivamente, com esses ensaios de laboratório avultam frequentes os pormenores de fabrico, redutíveis afinal a um estreito quadro de erros genéricos. Assim as misturas ocasionais dos barros, dando lugar a que num mesmo centro de fabricação e com matérias primas de igual procedência, as pastas divirjam todas em cada oficina; assim a disparidade dos esmaltes empregados com as massas que revestem; assim os tipos de fornos, de condenável architectura, prejudicial tiragem e desigual distribuição térmica. Más pastas, maus vidrados, maus fornos, má arte, tudo concorre com decisiva influência para o fabrico de loiça detestável se nos reportarmos apenas à faiança esmaltada; mas diminuídos em vários graus alguns destes factores nefastos na cerâmica doutra cotação artística e mercantil, uma parte desses elementos intervém por igual exhibitórios da nossa subalternidade fabril.

Outro motivo ocorre aos industriais para explicarem a decadência da manufactura: o baixo preço da venda que não permite o ensaio e introdução de aperfeiçoamentos. Assim é, decerto. As loiças das Caldas da Rainha vende-as o comerciante com 200 por cento de usura; 500 a 600 para as do Prado e 600 para as de Estremoz constituem a monstruosa iniquidade com que o honrado comércio expolia produtores e consumidores!

Mas o que o industrial não reconhece é o seu desdém pelo ensino e a possibilidade de melhoria retributiva ante o aperfeiçoamento do artigo. Para as análises e ensaios, para as experiências de laboratório, para o desenvolvimento do gosto do decorador cerâmico, para a exclusão definitiva das imitações inglesas e chinas, ou da mecânica e idiota ornamentação por estampilha, para a ondulação das formas, o oleiro português não tem buscado, nas instituições apropriadas, os recursos que elas lhe podem ministrar, mesmo quando as encontra ao pé da porta! É o caso de Coimbra, com uma vasta fabricação cerâmica, e na sua escola industrial, onde abundam os elementos educativos, o inédito duma inscrição de ceramista!

Ora a valiosa memória de Charles Lepierre, registando a nossa riqueza exuberante de barros, acusando a defeituosa aplicação de muitos deles e simultaneamente a indigência estética dos produtos obtidos, ainda alude a muitos de apropriação e emprego intercadentes quando não explorados: os caolinos de Val Rico, de Belas e de Alencarce, as argilas brancas de Alvarães, de Casal dos Ovos, do Barracão, de Feiteiras, de Loulé e do Candal, as ortoses de Torres e de Mangualde, as apatites da Serra da Estrela e tantos outros barros capazes de originarem excelentes porcelanas e faianças finas!

Abundante assim a matéria prima, notáveis as disposições naturais do oleiro português, como já foi seguramente asseverado por um eminente crítico de arte, tradicionais e persistentes numerosas galbas de pureza admirável, é a falta de perseverança e de educação industrial e artística, o retraimento de capitais para empresas fabris, é mesmo a amenidade do clima e um solo, às vezes, demasiado fértil, é tudo isto que se conjuga para o desperdício de elementos favoráveis ao desenvolvimento duma indústria que poderíamos contar entre as mais evidentemente avançadas e progressivas.

A famosa tentativa, tão radiante como desventurada, de Rafael Bordalo, o apostolado de António Arroio, Ramalho Ortigão e doutros publicistas, os especiais trabalhos, judiciosos e eruditos, de críticos ilustres como os srs. Augusto Gonçalves e Joaquim de Vasconcelos, as exposições, toda esta campanha e propaganda tem resultado estéril, se cotejarmos os mínimos avanços obtidos com a capacidade produtora do país. Acresce agora mais este trabalho de eminente importância técnica que o sr. Charles Lepierre subscreve (\*); mas é bem provável que

---

(\*) Referência ao volume *Estudo Químico e Tecnológico sobre a Cerâmica Portuguesa Moderna* (Lisboa, 1899).

o seu aproveitamento se confine na curiosidade e interesse dos estudiosos e dos letrados.

Exemplo: há alguns anos instalou-se uma fábrica perto de Soure que laborou por algum tempo. Vinha-lhe a matéria prima de Inglaterra. E o químico ilustre a que vimos aludindo sente-se perplexo por não terem experimentado sequer os esplêndidos barros de Leiria, não falando já nos de Crespos, que lhe ficavam ao pé de casa!

As fábricas de Alcântara, Sacavém e outras mais fazem o mesmo. Também verdade é que sucede esta coisa extraordinária: a argila inglesa empregada em Sacavém fica mais barata à fábrica do que a de Leiria, distante apenas 160 quilómetros, mercê dos exageros das tarifas nos caminhos de ferro nacionais!

Porto.